

## Conceição das Crioulas: Terra, Mulher e Política

Maria Jorge dos Santos Leite<sup>1</sup>

---

**Resumo:** O referido trabalho tem como objetivo analisar o movimento organizado pela comunidade de Conceição das Crioulas refletindo sobre as ações das mulheres negras, enquanto sujeitos políticos e coletivos, na construção da história, da identidade étnica e da luta pela terra numa perspectiva da relação de gênero considerando que não basta estudar somente as mulheres, mas que é preciso estudar as relações estabelecidas entre homens e mulheres na construção do espaço social.

**Palavras-chave:** Quilombolas, Conceição das Crioulas, Movimento Negro

**Abstract:** The related work has as objective to analyze the movement organized for the community of Conceição of the Creoles reflecting on the actions of the black women, while citizens collective politicians and, in the construction of history, the ethnic identity and the fight for the land in a perspective of the sort relation considering that it is not enough to only study the women, but that she is necessary to study the relations established between men and women in the construction of the social space.

**Key words:** Quilombolas, Conceição of the Creoles, Black Movement

---

### Introdução

Este trabalho originou-se de uma pesquisa de campo realizada na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, sertão central de Pernambuco, entre janeiro do ano 2000 e abril de 2001, que resultou na minha dissertação de mestrado intitulada: **CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: terra, mulher e identidade étnica no Sertão de Pernambuco, UFC/2001**<sup>2</sup>. No período da pesquisa desloquei-me à área por diversas vezes, oportunidades em que efetuei uma série de entrevistas com as diversas categorias sociais ali identificadas: “negros”, “morenos”, “caboclos”, “índios” e “brancos” e “fazendeiros”. Ao mesmo tempo, fiz o registro de um conjunto valioso de observações, a partir dos contatos que mantive com essas pessoas, quer no convívio do dia-a-dia com as famílias e alguns indivíduos em particular, quer através da participação de encontros organizados pelas lideranças negras.

O referido trabalho tem como objetivo analisar o movimento organizado pela comunidade de Conceição das Crioulas refletindo sobre as ações das mulheres negras, enquanto sujeitos políticos e coletivos, na construção da história, da identidade étnica e da luta pela terra numa perspectiva da relação de gênero considerando que não basta estudar somente as mulheres, mas que é preciso estudar as relações estabelecidas entre homens e mulheres na construção do espaço social. Isto porque, segundo Scott “o gênero é um elemento

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará/UFC/ Bolsista CNPq. E-mail: [mariajorge.santosleite@yahoo.com.br](mailto:mariajorge.santosleite@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Ao ingressar no doutorado em Educação Brasileira, na UFC, em 2008, retomei a pesquisa em Conceição das Crioulas para elaboração de minha tese. Muitas das informações coletadas nessa nova fase foram também inseridas neste trabalho.

*constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (1991:164).*

Os instrumentos metodológicos utilizados neste trabalho foram os da História oral: observação participante - interação com o mundo dos sujeitos pesquisados -; entrevistas - conversa com os atores sociais com um propósito específico em mente -; entrevista estruturada – administração de um conjunto estruturado de questões a cada respondente através de um questionário. As informações (orais e documentais) coletadas na pesquisa empírica aparecem aqui associadas a uma literatura sobre etnicidade, mulheres, gênero, quilombos, campo político, etc.

### **Localização e origem da comunidade: a liderança feminina**

A localidade de Conceição das Crioulas integra o município de Salgueiro, de cuja área total ocupa 40%, ou seja, 600 km<sup>2</sup>, constituindo-se, assim, no seu segundo distrito, desde 1940. Limita-se ao Norte com o distrito-sede municipal; ao Sul com os municípios de Floresta e Belém de São Francisco; ao Sudeste e a Oeste com Cabrobó e a Leste com Mirandiba.

Os três mil quinhentos e cinqüenta e dois habitantes do distrito ocupam uma área de 16.885,0678 hectares<sup>3</sup>. Na vila que recebe o mesmo nome da comunidade, apesar do aglomerado de residências, de acordo com o IBGE, habitam apenas 5,23% da população. A grande maioria dos habitantes encontra-se nos “sítios”. Ainda de acordo com o IBGE, há em Conceição das Crioulas 1.010 residências, sendo 125 na vila e 825 nos “sítios”. Para serem reconhecidos como remanescentes de quilombos, os habitantes de Conceição das Crioulas buscaram no passado elementos que os identificassem como descendentes de negros escravos. São, pois, esses elementos que vão identificá-los, inclusive para si próprios, e diferenciá-los dos “outros” (os “não-remanescentes”). Assim, nas narrativas e nas repetidas reconstituições da sua “história de negros”, passaram a ressaltar aspectos que vão da cor da pele (preta) ao sentimento de pertença ao grupo, ou à reconstituição da história da comunidade.

A história da comunidade é contada a partir da memória oral de seus habitantes, segundo a qual foi "no tempo dos reis" que chegaram à região alguns negros e negras, vindos de Alagoas, possivelmente fugindo da escravidão. Esse grupo de negros e negras –

---

<sup>3</sup> Fonte: Relatório da Fundação Cultural Palmares, publicado no Diário Oficial da União, em 11/09/1998.

embora na memória de seus descendentes apenas as negras tenham se destacado na fundação da comunidade, ficando conhecidas como as "seis crioulas" – se estabeleceu no sopé da Serra Umã, hoje Serra das Crioulas<sup>4</sup>.

Segundo a tradição oral, por volta do final do século XVIII, as seis crioulas teriam arrendado "três léguas em quadro", de terras, aos "representantes do rei". O pagamento seria resultante do próprio trabalho dessas mulheres. De acordo com Calmon: *Conceição das Crioulas (...) está localizada no município de Salgueiro, no Sertão Central de Pernambuco, cujas terras pertenciam aos Garcia D'Ávila da Casa da Torre, sob o regime de sesmarias*<sup>5</sup>.

Assim, diz-se que as crioulas iniciaram ali um plantio do algodão, cujas fibras eram transformadas em fio, produto vendido na cidade de Flores, distante cento e cinquenta quilômetros. Com esse dinheiro teriam pago a renda e se tornado donas de uma vasta extensão de terra, ainda em 1802, cuja escritura teria dezesseis selos, seria carimbada com o "carimbo da Torre" e teria sido feita pelo escrivão Pedro José Delgado e registrada no "livro do tombo".

Mabel Ann Black Albuquerque afirma que há evidências históricas (de uma história documental) sobre a existência do escrivão Pedro José Delgado: *Sabe-se que em 1811, segundo Pereira da Costa, ele foi nomeado juiz de órfãos de Flores (Anais VII, 418, 421). Na época era comum esta função ser compartilhada com a de escrivão* (Albuquerque, 1997: 24).

Na elaboração do mito, de acordo com a memória construída pelas narrativas dos "remanescentes", a origem de Conceição das Crioulas transcende o tempo cronológico (Eliade, 1992), referenciando-se em expressões como: "antigamente", "naquele tempo", ou "no tempo dos reis". A única data significativa que o grupo guarda é 1802, que, conforme disse antes seria o ano em que as crioulas haviam registrado a compra das terras. Como esse ano está no início do século XIX, há uma preocupação das lideranças atuais do movimento de Conceição das Crioulas em inferir que a chegada das seis crioulas tenha ocorrido no final do século XVIII, não se especificando, pois, o ano da chegada. Observe-se que essa não-especificação de datas é usual das construções mitológicas. No caso em estudo, o que conta são fragmentos presentes na memória coletiva.

O próprio nome de Conceição das Crioulas está ligado ao mito da origem. Contam que enquanto trabalhavam na cultura do algodão, as crioulas fizeram uma promessa: se um dia conseguissem comprar as terras que ocupavam, ergueriam uma capela em

<sup>4</sup> À época, aquela área integrava o município de Cabrobó, pois Salgueiro foi fundado em 1835.

<sup>5</sup> Calmon, Pedro. História da Casa da Torre, p. 130. IN: Andrade, Fábio Bezerra e Silva Júnior, José Alfredo das. Comunidades Remanescentes de Quilombos no interior de Pernambuco. Recife, UFPE, 1997.

homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Com o resultado do seu trabalho e a "ajuda da santa", o sonho tornou-se realidade e as crioulas construíram a capela, dando origem ao nome da comunidade. Inscreve-se, pois, nas raízes do nome da comunidade uma homenagem à padroeira e às próprias crioulas.

Essas histórias, elaboradas a partir da memória oral, são de fundamental importância na construção da identidade dos “quilombolas”, habitantes de Conceição das Crioulas. Aqueles que acreditam no mito e se sentem descendentes das seis crioulas fazem parte da representação de um grupo, por eles mesmos definido de várias formas: "nós", os "negros", os "morenos", os "pretos", os "remanescentes" ou os "quilombolas" como, também, costumam se definir. No lado oposto, estão os "outros", os que não aceitam o mito, aqueles que não se identificam nem são identificados como “quilombolas” ou “remanescentes”. São: os “não-remanescentes”, os "brancos", ou "fazendeiros bancos", ou "posseiros" ou, ainda, os "grileiros", além dos “índios”.

Dessa forma, percebe-se que a identidade de “quilombolas”, habitantes de Conceição das Crioulas, não está sendo construída a partir de uma história de resistência negra à escravidão, mas a partir do mito de uma fundação, cujo marco primeiro seria a aquisição da terra. Na interpretação dos “remanescentes”, esse passa a ser o principal fato, e a partir dele, ganha corpo e significado a idéia de uma comunidade negra, que luta pela posse da terra e por uma identidade étnica, baseadas em fatos que julgam verdadeiros.

Como afirma Mabel Albuquerque,

(...) nesse sentido, não importa se o mito é uma história verdadeira ou falsa. A apreensão da dimensão mítica das duas versões (a negra e a branca) se faz independente do questionamento de sua verdade. É dessa forma que, através das histórias que contam e de como a terra foi comprada a comunidade negra de Conceição das Crioulas estabelece uma relação formal com os fatos mais importantes de sua trajetória histórica (escravidão e posse da terra) e de sua própria identidade étnica (negra) (Albuquerque, 1997: 30).

### **Grupo étnico: categorias de identificação**

A discussão sobre o conceito de etnicidade é bastante complexa, no campo das Ciências Sociais. Alguns autores tratam a questão sob pontos de vista diferenciados, o que possibilita uma compreensão mais profunda da complexidade desse conceito. Neste trabalho, utilizo-me das noções de *grupo étnico*, *comunidade* e *fronteiras étnicas*, tratadas, dentre outros, respectivamente, por Max Weber e Fredrick Barth.

Weber, em *Economia e Sociedade*, dedica um capítulo às relações comunitárias, étnicas, fazendo uma distinção significativa entre etnia e raça, o que vem de certa forma, desfazer confusões persistentes entre os dois conceitos. De acordo com a abordagem de Weber, o que distingue a pertença racial da pertença étnica é que a primeira é "realmente" fundada na comunidade de origem. Enquanto que a pertença ao grupo étnico associa-se à crença subjetiva na comunidade de origem.

Para Weber, os grupos étnicos são: (...) *aqueles grupos humanos que em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e imigração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação das relações comunitárias, sendo diferente se existir ou não uma comunidade de sangue afetiva* (Weber, 1991: 270).

Ainda em relação aos grupos étnicos, Weber afirma: (...) *Assim como não se pressupõe uma real comunidade de origem, os grupos étnicos também não pressupõem uma real atividade comunitária. Eles existem apenas pela crença subjetiva que têm seus membros de formar uma comunidade e pelo sentimento de honra social compartilhado por todos os que alimentam tal crença.* (in: Streiff-Fenart, 1997: 38)

Nesse sentido, o autor acredita que os grupos étnicos são uma construção social, na qual a identidade étnica se edifica a partir da diferença. Assim, o sentimento entre “os iguais” não pode ser separado da repulsa às "diferenças". E, o sentimento de pertença não é criado a partir do isolamento, mas, da comunicação da diferença, da qual os indivíduos se apropriam para demarcar suas fronteiras étnicas.

Enquanto Weber se preocupa principalmente com o aspecto político da questão étnica, expresso pelas tensões que se instauram na competição entre os grupos que disputam posições privilegiadas na hierarquia social, Barth faz recair maior ênfase na sua dimensão ideológica, abordando a noção de fronteiras entre os grupos étnicos. Assim, para Barth, a expressão *grupo étnico* designa uma população que:

- 1- se perpetua principalmente por meios biológicos;
- 2- compartilha valores culturais fundamentais, postos em prática em formas culturais num todo explícito;
- 3- compõe um grupo de comunicação e interação;
- 4- tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem (Barth, apud Oliveira, 1976: 2).

As fronteiras entre os grupos étnicos a que Barth se refere são as fronteiras sociais, mas, acredita que elas podem ter contrapartidas territoriais. À medida que um grupo étnico

conserva sua identidade, ao interagir com membros de outros grupos, isso se transforma em critérios para manifestar a pertença ou a exclusão àquele grupo. A noção de fronteira étnica, defendida por Barth, trouxe importante contribuição para os estudos acerca de grupos étnicos e para a compreensão dos fenômenos da etnicidade.

A análise da questão da etnicidade, na perspectiva dos dois autores, possibilita uma melhor compreensão a respeito do processo de construção ou preservação da identidade étnica de determinados grupos humanos. Tais análises ajudam-nos, sobretudo, a perceber a dinâmica da formação das identidades. Nesses termos, nos fornecem, igualmente, elementos importantes para compreendermos a noção de comunidade.

A construção da identidade étnica de grupos humanos tornou-se um dos temas mais discutidos atualmente. "Mais do que o 'bom senso' parece ser a identificação étnica a coisa 'melhor distribuída no mundo'<sup>6</sup>". Ela exprime, sobretudo, a tensão que se instaura entre grupos, no confronto por melhores posições na hierarquia social. O que se vê nesse processo é a coesão interna das relações afetivas, englobando o nível de representação social e simbólica do grupo.

Dentre os diversos grupos que buscam a afirmação de suas identidades étnicas, estão aqueles que compõem as comunidades quilombolas. Muitas dessas comunidades não são, necessariamente, remanescentes dos antigos quilombos e as que o são, muitas vezes têm dificuldade de encontrar suas raízes históricas. Como nos ensina Funes, *Hoje o termo quilombo foi apropriado e redimensionado por essas comunidades enquanto elemento de identidade e de luta pela terra dos remanescentes* (Funes, 1995: 34).

Assim, muitas comunidades negras vêm buscando, na história de suas raízes, elementos que apontem para uma origem comum de seus habitantes e, dessa forma, procuram se afirmar enquanto grupos étnicos que ocupam um território remanescente de quilombo. *A identidade histórica de 'remanescentes de quilombo' emerge como resposta atual de uma situação de conflito e confronto com grupos sociais, econômicos e agências governamentais que passam a implementar novas formas de controle político e administrativo sobre o território que ocupam, e, com as quais estão em franca oposição* (O'Dweyer, 1995: 121).

É nesse contexto de intervenções externas no espaço territorial e na organização interna do grupo, que a comunidade de Conceição das Crioulas responde a essas intervenções com a estruturação de um novo campo de relações de poder e resistência, que

---

<sup>6</sup> Afirmação cartesiana, parafraseada por Roberto Cardoso de Oliveira. *Identidade Etnia e Estrutura Social*. São Paulo. Pioneira, 1976.

começa a adquirir sentido a partir do momento em que esse movimento desperta para uma identidade étnica. Ou seja, passa a se constituir a luta de um grupo que reivindica a identidade de “quilombos quilombolas”, a partir da necessidade, do desejo e da possibilidade de preservar a posse da terra.

A construção da identidade étnica do povo negro de Conceição das Crioulas está intimamente ligada à origem da comunidade (as seis crioulas) e à crença subjetiva (Weber, 1991) da origem comum do grupo, como afirma Dona Maria Antônia: *Aqui é tudo família, a comunidade é toda família, crioula da Conceição; sendo crioula, é tudo família; é um sangue só*<sup>7</sup>.

Portanto, entendendo grupo étnico como um conjunto de pessoas cujas crenças se baseiam na origem comum, real ou imaginária, podemos concluir que estamos diante de uma coletividade que responde à sociedade circundante pela etnicidade.

De acordo com Barth<sup>8</sup>, o grupo étnico constitui-se como forma de organização social em que os atores categorizam-se a si mesmos e aos outros com propósito de interação. E assinala que a pertença étnica não pode ser definida senão pela demarcação entre os membros e os não-membros, pois a etnicidade implica sempre a organização de grupos dicotômicos Nós/Eles. Dessa forma, são as categorias de identificação que, através da interação, vão determinar quem pertence ou não ao grupo étnico em questão.

Atualmente, na comunidade de Conceição das Crioulas, podemos identificar a população tomando como referência, num primeiro momento, aquilo que chamaríamos de dois agrupamentos sociais distintos, embora guardando uma heterogeneidade no seu interior: “remanescentes de quilombos” (recebendo, na nomenclatura local, as designações principais: *negro, moreno, crioulo*) e os “não remanescentes” (composto por *índio, descendente de índio*, ou, ainda, *caboco; branco* ou *fazendeiro*). Os do primeiro agrupamento se sentem parte de uma origem comum (a descendência das seis crioulas, fundadoras da comunidade), e, como tais, são identificados pelos “outros”. Para aqueles do segundo, o mito de origem da comunidade não faz nenhum sentido. Eles são também identificados, pelos “quilombolas”, hoje, como: “posseiros”, “invasores” ou “expropriadores” das terras e dos valores culturais dos negros.

Identificar-se como descendente das seis crioulas, é uma das formas pelas quais os quilombolas constroem sua identidade étnica (negra). E, também, na perspectiva de

---

<sup>7</sup> Depoimento prestado para o Mapeamento e Identificação das Áreas Remanescentes de Quilombos, 1998.

<sup>8</sup> Barth, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: Poutignat, P. e outro. *Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras*. São Paulo, Editora UNESP, 1998.

construir uma identidade negra, estão mudando seus hábitos na maneira de se vestir, de pentear os cabelos, adotando alguns vocábulos afro-brasileiros e outros.

### **Campos políticos e sujeitos coletivos**

O movimento social quilombola de Conceição das Crioulas, parece-me, à primeira vista, apesar de alguns obstáculos, ter encontrado “brechas” para sua aparição em cena. Isto torna-se visível na atuação dos sujeitos políticos daquela comunidade. Evidenciou-se, para mim, a existência de *campos políticos* e discursivos onde os sujeitos coletivos fazem circular suas palavras e elaborar suas demandas.

Denominei de *campo político* o espaço de atuação dos sujeitos de Conceição das Crioulas, considerando a abordagem desse conceito trabalhada por Pierre Bourdieu.

O campo político, entendido ao mesmo tempo como campo de forças e como campo das lutas que têm em vista transformar as relações de força que confere a esse campo a sua estrutura em dado momento, não é um império: os efeitos das necessidades externas fazem-se sentir nele por intermédio sobretudo da relação que os mandantes, em consequência da sua distância diferencial em relação aos instrumentos de produção política, mantém com os seus mandatários e da relação que estes últimos, em consequência das suas atitudes, mantém com as suas organizações. O que faz com que a luta política possa ser descrita na lógica da oferta e da procura é a desigual distribuição dos elementos de produção de uma representação do mundo social explicitamente formulada: o campo político é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de ‘consumidores’, devem escolher, com probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção (Bourdieu, 2000: 163/164).

O autor afirma que toda análise sobre a luta política deve ter como fundamento as determinações econômicas e sociais da divisão do trabalho político, para que se possa evitar a naturalização dos mecanismos sociais que reproduzem a separação entre os agentes politicamente ativos e os agentes politicamente passivos e transformam em leis eternas as regularidades históricas válidas nos limites de um estado determinado pela estrutura da distribuição do capital.

Entende Bourdieu, que a condição de ser-com-os-outros-no-mundo torna a existência humana uma verdadeira coexistência. O homem partilha com os outros um espaço, persegue os mesmos objetivos e participa em semelhantes atividades. Nesse envolvimento o mundo social transforma-se num universo político – como domínio da *polis* – construído numa *Ágora*, um espaço de encontro, de discussão e de resolução de problemas coletivos. Nesse sentido, a atividade política é essencialmente o mundo da gestão comum da coletividade.

O conceito de campo político, segundo o autor, serve para teorizar as ações dessa coletividade. Para ele “o que existe no mundo social, não são grupos constituídos como se crê, mas esta realidade invisível” que se chama “espaço social”, embora se reconheça que, “para se manifestar este espaço social, é-se obrigado a tornar visíveis as coisas que ocupam este espaço, isto é, indivíduos, instituições, etc., mas o que existe verdadeiramente é o espaço”. Essa visibilidade faz-se a partir da interação que os sujeitos de um determinado *campo político* estabelecem com outros espaços de seu entorno.

É com base nessa dimensão atribuída por Bourdieu ao conceito de *campo político* que analiso as relações estabelecidas entre Conceição das Crioulas e a sociedade circundante, bem como a atuação de seus habitantes - enquanto sujeitos coletivos - nas instituições quilombolas aqui denominadas de *campos políticos*.

Ao longo da história de Conceição das Crioulas, por múltiplas razões e em circunstâncias as mais diversas, contatos foram se estabelecendo com a sociedade circundante. Se, por um lado, isso significou a inserção dessa comunidade no contexto local, por outro, representou a sua legitimidade e a concretização de um espaço político próprio que ficaria conhecido como "terras das crioulas".

O simples crescimento populacional, o exercício de atividades econômicas, bem como o estabelecimento de contatos de indivíduos ou grupos dessa localidade com os de outras, enfim, a persistência de processos interativos, nos âmbitos interno e externo, levam à constituição de uma organização de poder político local. Do ponto de vista estrutural, tal organização, de um modo ou de outro, articula-se a outras “instâncias relacionais”. Refiro-me, no caso, por exemplo, ao parentesco e às relações econômicas. Essa estrutura política se torna importante, também, nas relações com o “mundo de fora” e no estabelecimento de uma unidade grupal em momentos de resistência à imposição interesses externos. Nesse sentido, é necessária a instituição de líderes, aqui entendidos como sujeitos políticos e coletivos, de fato legitimados pela comunidade, para coordenar os movimentos sócio-políticos e econômicos, criando, assim, dentro do *campo político*, um sistema com vida própria e estrutura de poder.

O mito da fundação de Conceição das Crioulas já vem acompanhado de uma história de liderança. Excepcionalmente, uma liderança de mulheres, "as seis crioulas". A tradição oral é enfática em apontá-las como mulheres fortes e resistentes, que, desafiando os padrões sociais da sua época, exerceram grande influência sobre seu grupo, na coordenação dos trabalhos, no plantio e colheita do algodão, no firme propósito de

adquirirem a posse legal da terra, através da compra. Em outros momentos da história de Conceição, especificamente quando aquelas pessoas começaram a ser expropriadas por outras, vindas de fora, atraídas talvez pela qualidade do solo propício ao plantio de algodão e à criação de gado, também foram as mulheres que se destacaram na luta pela recuperação daquelas terras. E hoje, na luta pela construção da identidade étnica e pela terra, são essas mulheres negras: trabalhadoras rurais, professoras, enfermeiras, artesãs e outras que estão no comando.

A resistência à expropriação das terras das crioulas foi um dos fatores que contribuiu para a instituição de lideranças- os sujeitos políticos- e, conseqüentemente, de uma estrutura política organizada em Conceição das Crioulas. Curiosamente, os nomes que aparecem como sendo de lideranças que se destacaram na fundação de Conceição das Crioulas e na luta pela recuperação da terra são quase todos de mulheres. Os “quilombolas” lembram, freqüentemente, de: Chica Ferreira, Mendencha Ferreira, Francisca Presidente, Francisca Macário, Maria Solano, Isabel Coração, Romana, Martinha, Sabrina, Maria Rosa, Rosa Ferreira, Antônia Carneiro, Matilde, Januária e Agostinha Caboclo.

Na história do passado o único nome de homem, sempre lembrado na história de Conceição das Crioulas, é o de Antônio Domingos. Mesmo assim, ele aparece como coadjuvante, sendo o companheiro de Agostinha Caboclo, nas viagens em busca de recuperar a posse da terra. Hoje a organização social e política de Conceição das Crioulas já não é exclusividade das mulheres. Muitos homens também se empenham na luta pelos direitos quilombolas. Eles estão à frente de associações, sindicatos ou na política partidária, mostrando assim que quando se trata de interesses da coletividade quilombola as diferenças entre homem e mulher tornam-se uma questão irrelevante.

A menção ao nome de Agostinha Caboclo é recorrente e ela aparece como uma das principais lideranças de Conceição das Crioulas. A sua morte, no início da década de 1990, encerrou um longo período em que as mulheres estiveram à frente da luta pela terra. Coincidentemente, a morte de Agostinha, ocorre exatamente no momento em que uma nova forma de luta pela terra estava começando a ser estruturada em Conceição.

Esse novo movimento contempla, além da posse da terra, a luta por direitos de cidadania, a construção de uma identidade étnica (negra) dos habitantes de Conceição das Crioulas, enquanto quilombolas. Isso vai se construindo a partir de uma ideologia de grupo em que determinados conceitos como negritude, etnia, e terras dos negros, vão

ganhando significado e vão estabelecendo critérios que selecionam quem pertence ou não àquela comunidade.

A reestruturação da luta pela posse da terra, em Conceição, ampliando-se para o plano étnico-cultural e para área dos direitos, demandou a necessidade da reorganização da estrutura política da comunidade. Então, foram surgindo (ou se redefinindo na sua organização) entidades como sindicatos e associações, com o objetivo de fortalecer a luta pela terra e defender os interesses gerais da comunidade.

### **Associação quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC)**

A mais expressiva entidade política na área quilombola, é a AQCC com sede na vila de Conceição das Crioulas. Fundada em 17 de julho de 2000, a AQCC é uma sociedade civil sem fins lucrativos composta por 10 associações de produtores e trabalhadores rurais provenientes da vila e dos diversos sítios que compõem a comunidade. É dividida em sete comissões, citadas adiante, e agrega o *Centro de Produção Artesanal*. Nascida, segundo os quilombolas, da necessidade de intensificar a luta pelo bem comum de Conceição das Crioulas, a AQCC tem com objetivo o desenvolvimento da comunidade - levando em conta sua realidade e sua história, a valorização das suas potencialidades, a conscientização do povo negro da sua importância para construção de uma sociedade justa e igualitária, a quebra da barreira do preconceito e discriminação racial.

Sendo essa entidade a que representa legitimamente todos os interesses da coletividade quilombola, seu maior empenho, nos últimos anos, tem sido a luta pela posse da terra, com área aproximada de 17.000 hectares, numa perspectiva sustentável.

Entre as lutas da AQCC estão a regularização fundiária; educação específica e diferenciada; e desenvolvimento sustentável, a partir das potencialidades e tradições locais, sempre na perspectiva do fortalecimento da identidade quilombola. Sua estrutura contempla as Comissões Temáticas de Patrimônio; Educação, Cultura e Esportes, Geração de Renda; Saúde e Meio Ambiente; Comunicação e juventude, compostas por pessoas da comunidade<sup>9</sup>.

A AQCC tem uma estrutura de funcionamento que se dá através da Coordenação Executiva e das comissões dirigidas pelas lideranças da comunidade. Segundo Aparecida Mendes, sua atual coordenadora, a associação se mantém com o trabalho voluntário dos seus sócios, não possuindo recursos financeiros suficientes para desenvolver suas atividades. No entanto, possui sede própria localizada na rua do Campo, na vila de Conceição das Crioulas. A aquisição do prédio tornou-se possível graças à conquista, pela

---

<sup>9</sup> Jornal Crioulas: a voz da resistência, nº 1, Ano 1- abril de 2003, p. 2.

comunidade, do I Prêmio Banco Mundial de Cidadania no Encontro Nacional de experiências Sociais Inovadoras realizada em Brasília, em maio de 2002. O prêmio, no valor de cinco mil dólares, foi concedido à comunidade em reconhecimento ao projeto de valorização do artesanato desenvolvido, desde 2001, pela AQCC em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), Prefeitura Municipal de Salgueiro e outras instituições.

A sede a AQCC faz atendimento aos quilombolas e visitantes de domingo a domingo, é bastante ampla, com 10 cômodos, utilizados para o desenvolvimento de projetos e realização de reuniões. Foi em nome dessa instituição que o Governo Federal, atendendo ao artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, tituló as terras reivindicadas pelos “quilombolas”.

As demais associações da comunidade estão localizadas nos “sítios”. Geralmente, cada “sítio” tem a sua, ou se forma uma para cada dois “sítios”, considerando a proximidade entre eles ou o número de habitantes de cada um. O principal objetivo de tais entidades é lutar junto aos órgãos governamentais e não-governamentais pela implantação de projetos agropecuários nos quais possam se inserir os camponeses de Conceição das Crioulas. Todas essas associações estão filiadas a AQCC, constituindo-se, esta última, numa espécie de confederação.

Além das associações, como espaços políticos de articulação, os “quilombolas” costumam realizar, periodicamente, seminários e encontros para tratar dos problemas da comunidade. Durante os encontros, as discussões, quase sempre, giraram em torno da luta pela posse da terra, da melhoria da educação do povo negro, da importância da construção de uma identidade étnica e cultural do grupo e outras questões de ordem econômica e social.

A defesa da posse da terra, a questão étnica, direitos e a importância da unidade do grupo estão presentes nos discursos de quase todos os quilombolas; sendo que, em algumas falas, pode se perceber muito mais do que isso. Vejamos o que diz o Senhor Expedito, presidente de uma das associações dos sítios:

(...) é importante se reunir nos encontro, ter coragem de lutar pelas terras e pelas raízes, dizer sempre a verdade, ter conhecimento da paz e trabalho e em defesa dos mais fracos, dos negros, porque também sou negro, e eu queria dizer a ramicê qui o problema qui ocorre cum nossa comunidade é o mesmo de cada um. Todos nós fomos tirados de nossa terra não vendemos (...) e hoje, nós tamo num país de democracia, num país de direito, onde o cidadão tem direito, tem vez, tem bravura e luta por seus direitos. É isso que eu digo a ramicês e a eu mesmo: **somo negro, **somo pobre, não escondemos isso...****(grifos meus).

Chamo a atenção, nas passagens sublinhadas do trecho acima, para o lugar ocupado pela terra na luta; para a noção de pertença ao grupo, reafirmando a condição de negro (negada no passado), deixando transparecer uma espécie de necessidade de auto-convencimento; para a articulação que o militante procura estabelecer entre a questão da terra e questão étnica; e articulação, também, entre os planos individual e coletivo. Enfim, observe-se, aqui, o esboço de uma espécie de consciência em construção, tanto no que concerne à luta pela terra, como no que diz respeito à própria organização do grupo. Nesse sentido, vejo, neste breve texto, lições de educação e auto-educação, em que se articulam saberes diferenciados como peças de um quadro extremamente complexo, mesclando-se, exemplarmente, o político, o cultural e o social.

Os Encontros quilombolas evidenciam a presença de fortes lideranças e nomes respeitados em Conceição das Crioulas. Como pessoas de mais idade, destacavam-se: Seu Virgínio Seu Expedito, Andreilino Mendes, João Alfredo; e, dentre as mais jovens, líderes como: Aparecida Mendes, Márcia Jucilene, Maria Diva, Antônio Mendes. Além de Givânia, uma das principais lideranças, que mesmo morando atualmente em Brasília, participa eventualmente dos encontros na comunidade.

A liderança de Givânia é reconhecida e legitimada na comunidade e fora dela. Vejamos dois depoimentos: *Hoje, quem mais atua em Conceição das Crioulas é Givânia.* (Andreilino Mendes). E, ainda, (...) *Givânia foi a primeira pessoa a sair e conhecer a história dos negros. Ela participou de um encontro no Maranhão, onde tem um movimento negro também, e lá ela teve apoio deles e, daí para cá a luta não parou mais.* (Valdeci).

Não há exagero nos depoimentos. Se, enquanto morava em Conceição das Crioulas, Givânia protagonizou a cena política do movimento ali estabelecido, agora que está em Brasília, em espaços mais amplos, através dos cargos que ocupa: -subsecretária das comunidades tradicionais da Secretaria Especial de Promoção de Políticas da Igualdade Racial, durante a gestão de Matilde Ribeiro e, atualmente, coordenadora Geral de Regularização de Território Quilombola-INCRA, encaminha (pode encaminhar) as demandas dos quilombolas através de um diálogo mais próximo com o Estado. Essas atividades já lhe renderam também a indicação para o Prêmio Nobel da Paz, em 2005. Isso indica que os espaços políticos dos quilombolas de Conceição não são tão limitados assim.

Observe-se nesse caso, portanto, mais uma vez, a presença feminina, como expressão de liderança em Conceição das Crioulas.

Analisando a atuação política de Givânia e outras mulheres, na atualidade, e comparando-a com aquela exercida por Agostinha e suas antecessoras, percebe-se que existem diferenças significativas. Até porque, trata-se, hoje, de uma nova luta, que assume novas características, com dimensões mais amplas, dentro de uma sociedade que se transformou também com o passar do tempo. E, nesse percurso, as ações de homens e mulheres, ali, se transformaram. Em primeiro lugar, porque passaram a se perceber como negros e negras, rompendo, assim, com uma tradição secular, de negação da negritude por motivo de medo ou vergonha, enquanto hoje é motivo de orgulho; em segundo lugar, ao assim se perceberem, passaram a lutar por direitos específicos do povo negro. Então, Givânia, Aparecida Mendes, Márcia Jucilene, Maria Diva e Valdeci são mulheres completamente diferentes de Agostinha Cabocla, Mariana e outras, que viveram em outra época, que eram analfabetas, que não conheciam a importância política do exercício da cidadania (temas que tampouco entraram na pauta do seu tempo, ali) e, por isso, acabavam se deixando enganar pelos cabos eleitorais dos coronéis daquela época.

Dona Maria Antônia lembra de uma época em que ali se vivia uma completa ausência de *capital político*, em que não sabiam, sequer, em quem estavam votando: *A gente aqui era tão de um jeito, que quando a gente, da era qui eu cumecei a votar, cum dezqito ano, ôxente! Mas era tão dum jeito, que eles, sabidão daqui, ingabelava a gente. Num tinha pobrema de possuir título não! Votava na foia, lá ia, votava, um votim, ninguém sabia quem era vereador, quem era júízo, nada, nada, nada... nem quem era qui tinha ganhado.*

Diferentemente daquela época descrita por Dona Maria Antônia, hoje, Conceição das Crioulas é uma comunidade que se diz politizada (e é reconhecida como tal), onde os habitantes, conforme mencionamos se organizam através de sindicatos e associações e da militância política partidária.

O sindicato rural ao qual os “quilombolas” estão ligados é o de Salgueiro. Como esse sindicato já teve à frente de sua diretoria pessoas de Conceição das Crioulas, pelos menos em duas gestões, a entidade tornou-se, também, grande colaboradora da organização do movimento negro daquela comunidade. Além do sindicato dos trabalhadores rurais, boa parte da população feminina de Conceição das Crioulas está ligada ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, uma entidade regional, com sede em Serra Talhada, a cem quilômetros de Salgueiro.

A participação na política local é outra dimensão da organização dessa comunidade, na atualidade. Nas eleições municipais, há sempre a participação de pessoas da

comunidade na disputa por vagas na Câmara Municipal de Salgueiro e Givânia foi a pessoa que mais representou a comunidade, sendo candidata por três pleitos consecutivos: 1996, não foi eleita; 2.000, eleita com a segunda maior votação; 2004, re-eleita. Sendo que deste último mandato Givânia se licenciou, em 2006, para assumir a subsecretaria da Secretaria Especial de Promoção de Políticas da Igualdade Racial. Em 2008, por divergências internas do partido ao qual é filiada- Partido dos Trabalhadores- PT – Givânia não registrou candidatura, permanecendo com suas atividades em Brasília. Conceição das Crioulas, hoje, está sem representação política na Câmara de Vereadores.

Mesmo com esse afastamento de Givânia da política partidária local, suas ações nos campos em que atua continuam sendo políticas. Suas palavras evidenciam uma história de luta muito complexa, motivada pelas contradições sociais que envolvem a si própria:

A nossa sociedade é movida por três grandes contradições: de classe, de raça e de gênero. E, eu carrego as três contradições; de ser mulher, de ser negra e de ser de classe social baixa. Ou seja, sou pobre, sou professora, filha de agricultor, enfim esse é todo o meu perfil. Uma das coisas que contribuiu para que eu conquistasse meu espaço, primeiro foi a autodeterminação que eu tenho tido e que eu vou encarar isso, e depois eu finjo que não escuto, finjo que não vejo. Se eu parasse para pensar no que as pessoas dizem, no que as pessoas imaginam, no que as pessoas querem que eu assimile, eu talvez não tivesse abraçado essas três bandeiras, que para mim são fundamentais. Então, eu vejo que a minha inserção no mundo da política, foi movida por uma das contradições que é a questão de classe. Essa é uma luta imediata, pra que a gente conseguisse um espaço mais igualitário, mais democrático. Ao me inserir nesse meio, eu vi, também, que não era só isso, nós éramos, também, um grupo que tinha características específicas e que isso estava sendo tratado de maneira diferente. Então, parto pra mais uma contradição que é discutir a questão racial, há uma primeira que é o homem, e a mulher negra. Embora os dois sejam discriminados, mas, mesmo o homem negro ainda tem tratamento diferenciado da mulher negra e, isso não é uma questão de Conceição das Crioulas ou do Brasil, mas, uma questão mundial.

As palavras de Givânia trazem um discurso ideológico que contempla outras questões, além dos direitos quilombolas e do movimento étnico cultural. É um discurso que se estende a outros problemas de abrangência nacional ou internacional como a democracia, as contradições de gênero, classe e etnia. É, também, esse ecletismo presente na luta de Givânia que faz de sua liderança, uma liderança diferente daquela exercida pelas suas antecessoras.

Não é surpreendente que diante da heterogeneidade que marca a composição da sua população, nem todos os habitantes de Conceição das Crioulas reconhecem o poder de liderança das mulheres; principalmente aqueles que não se consideram “quilombolas”, como o Senhor Manuel Leite, falecido há poucos anos, em entrevista que fiz com ele, em 2.000, no auge de seus 90 anos, falou o seguinte: (...) *nunca alcancei esse tempo de muié mandano aqui não. A orde é dos home! Onde diabo é que muié governa nada? Então num tinha home*

*nesse tempo? Eu acho que era assim mesmo! Num vê falar nas crioulas? Então num tinba homem! Hoje as que quere mandar num dá certo.*

Essa situação parece não incomodar tanto aos homens da geração atual. Mesmo porque, no momento, eles se encontram tão somente numa posição de coadjuvantes do movimento. Isso torna-se visível a partir da observação da atuação dos senhores Virgínio, Andreino, João Alfredo, ou dos mais jovens: Antônio Mendes, Francisco Mendes, Adalmir José e outros.

A juventude quilombola, homens e mulheres, têm amplo espaço de atuação na Comissão de Juventude da AQCC. Segundo Antônio Mendes,

a participação dos jovens é maior durante os eventos. Mas é uma luta constante. Atualmente estamos lutando pela Rádio Comunitária, temos o grupo de teatro, o Projeto Crioula Vídeos<sup>10</sup>, temos lutas estratégicas, políticas,[.... ] A juventude tem que ta informada para ter argumentos. Há momento em que a contribuição da juventude é grande, mas há, também, momentos de morosidade e há sempre um que influencia os outros. E isso é positivo, há dez anos tínhamos orgulho de estar com um cigarro na mão , havia a plantação de erva ( maconha), que era usada pelos jovens, isso está bastante mudado.

Um dos momentos mais expressivos da atuação jovem foi o *I Encontro de Jovens do Território Quilombola de Conceição das Crioulas*, realizado nos dias 28,29 e 30 de abril de 2006. O evento teve como tema central as “Políticas Públicas para a Juventude”. A partir dos debates realizados nas salas temáticas e oficinas, algumas propostas importantes foram aprovadas na plenária do encontro:

1. Realizar um momento em cada sítio de Conceição das Crioulas, para discutir sobre os temas debatidos e discutidos no I Encontro de Jovens do Território Quilombola de Conceição das Crioulas. E, ainda, encontros de socialização das idéias geradas no encontro;
2. Maior intercâmbio e trabalho conjunto dos jovens nos territórios quilombolas do Estado de Pernambuco;
3. Trabalhar junto à escola na formação de mais jovens nos assuntos discutidos no encontro;
4. Momentos de estudos das Leis que favorecem os quilombolas. Mas fazer discussões dinâmicas e descontraídas;

---

<sup>10</sup> O Crioulas Vídeo é uma equipe de produção de vídeo formada por jovens da comunidade. Este grupo surgiu em Abril de 2005, com uma oficina de vídeo com a duração de cinco dias, uma parceria entre o Centro de Cultura Luiz Freire e o grupo Identidades de Porto, Portugal. Teve como instrutores Tiago Assis, José Paiva e André Alves, todos do Identidades. Para a criação desse grupo foi feita uma escolha entre jovens da comunidade, foram escolhidos estes seis: Marta Adelaide, Adalmir José, Martinho Mendes, Francisco Mendes, Joseane de Oliveira e Reginaldo Antônio. Os mesmos participaram de todas as áreas da oficina, começando depois a se destacar em diferentes setores, constituindo assim a equipe do Crioulas Vídeo. Passando alguns meses este grupo foi ampliando tornando-se mais forte, entrando na equipe Jocilene, Jocileide, Jociclécia e Cícero Mendes. Desde abril de 2005 produziu vários vídeos que constam na sua filmografia. Hoje, o acervo das Crioulas Vídeo tem 26 filmes, entre registros cotidianos (aniversários, casamentos) e seis documentários. Entre eles, há um vídeo de 11 minutos sobre o açude da cidade, um filme sobre a Serra das Princesas e um vídeo de 30 minutos que acompanha a construção de uma adutora no município. Esse foi feito profissionalmente, para o governo do Estado, em parceria com TV Viva, de Recife.

5. Organizar e trazer o Encontro de Crianças Quilombolas (Quilombinhos) para Conceição das Crioulas, tornando também uma ação jovem para as crianças<sup>11</sup>.

A atuação da juventude nesses encontros indica que a política em Conceição das Crioulas se revela nas ações de pessoas de todas as idades. As propostas surgidas no encontro dos jovens apontam um desejo dessa juventude, certamente comum a todos os quilombolas, de que o movimento possa ser gradativamente ampliado, possibilitando, assim, a formação e conscientização política de toda a comunidade, inclusive das crianças. Analisando cuidadosamente o que propõe os itens acima podemos visualizar propostas muito complexas envolvendo questões tais como: formação política, intercâmbio, ação educativa, estudo da legislação e ação política para a infância. Considerando que a *Comissão de Juventude* é apenas uma ramificação da AQCC, pode-se perceber que o conjunto dessas ações compõem um movimento político bastante complexo, cheio de minuciosidades, exigindo muito esforço por parte do pesquisador no momento da análise.

Além da AQCC e as associações rurais, outro importante espaço de discussão política dos quilombolas é o *Jornal Crioulas: a voz da resistência*, fundado em 2003. Trata-se de uma publicação quadrimestral que tem por finalidade fazer a divulgação das realizações da comunidade, sua história, sua cultura e sua luta. O número 1 do referido jornal, datado de abril de 2003, traz um breve relato sobre a fundação da comunidade, as realizações da AQCC, ressalta a importância do ensino médio implantado nesse ano em Conceição e destaca a realização do *II Encontro das Comunidades quilombolas de Pernambuco*, que viria a se realizar nos dias 01,02 e 03 de maio de 2003, em Salgueiro, promovido pela AQCC.

Como o jornal se configura numa espécie de *porta voz* da luta política dos quilombolas, a questão da terra tem sido matéria constante de suas páginas. Na edição número 06, de dezembro de 2004, o destaque foi para a *Campanha Nacional de Regularização das Áreas quilombolas*, ocorrida no dia três de julho desse ano, no plenário do Congresso Nacional, da qual os quilombolas de Conceição das Crioulas participaram e o *Jornal Crioulas* assim destacou:

(...) o número de comunidades quilombolas é estimado em aproximadamente 4 mil, sendo que destas apenas menos de 800 são reconhecidas e 29 são tituladas (ainda com problemas), como é o caso de Conceição das Crioulas, em Salgueiro e Castainho, em Garanhuns.

A campanha visa também denunciar o grau de exclusão em que vivem esses grupos, principalmente no tocante às políticas de saúde, educação, moradia, apoio às formas de geração de renda nesses territórios e a valorização da cultura quilombola.

---

<sup>11</sup> *Jornal Crioulas: a voz da resistência negra*. Ano 4, nº 10- agosto de 2.006- pág 5. O documento não especifica data para a realização das ações.

Apesar da grande contribuição que o povo negro deu no processo de formação à sociedade brasileira, há um débito muito grande do estado brasileiro para com essa população<sup>12</sup> mesmo com os avanços a partir da organização do movimento quilombola em nível nacional, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, Constituição Federal de 1988, o decreto presidencial 4887 de 20 de novembro de 2003, a Instrução Normativa de nº 16 do INCRA de março de 2004, pouca coisa foi feita na prática para diminuir as desigualdades sociais nesses territórios (...)

A matéria publicada no *Crioulas* evidencia algumas características do movimento quilombola de Conceição das Crioulas que merecem ser analisadas. Em primeiro lugar chamo a atenção para a presença da comunidade na campanha mencionada pelo jornal, indicando que o espaço de participação política desses quilombolas adquiriu uma dimensão nacional; em segundo, gostaria de refletir sobre o sentido dos trechos que grifei na matéria acima. A expressão “ainda com problemas”, colocada entre parênteses, visa chamar à atenção do leitor, e dos governantes, para o conflito territorial ali existente e ainda não solucionado por esses; a uma campanha voltada para a garantia do direito à terra foi acrescentada a denúncia da exclusão social e a luta por direitos de Cidadania: saúde, moradia e educação; na expressão há um débito muito grande do estado brasileiro para com essa população, percebe-se aí a força motriz do movimento negro brasileiro, e também de Conceição das Crioulas. É com esse discurso que os negros afrobrasileiros estão buscando mudar os rumos de sua história.

### **Mulheres e participação política**

Conceição das Crioulas foi construída historicamente através das ações de mulheres fortes e guerreiras, das quais alguns nomes já foram aqui citados. A trajetória dessas mulheres, ao longo de 200 anos, está inscrita na luta pela sobrevivência e pela defesa do território que fora comprado por seus ancestrais – as “seis crioulas”. Entretanto, nos últimos vinte anos, a comunidade vem passando por um intenso processo de conscientização e politização que acabou recebendo a adesão dos homens, sem que as mulheres perdessem a sua hegemonia na liderança política.

Reconhecer que a comunidade de Conceição tem suas raízes fincadas na matrilinearidade, deve-se ao fato de que a maioria das pessoas engajadas no movimento sociopolítico quilombola se reconhece na tradição pautada por relações de parentesco consanguíneo e, portanto, acredita ser descendente das “seis crioulas” - as fundadoras - e das outras mulheres que deixaram ali suas “marcas” na história. Assim, a luta pela terra, uma das maiores bandeiras do movimento, é construída com base nas representações

---

<sup>12</sup> Grifos meus.

sociais da história de luta de algumas mulheres. Entre elas, Agostinha Cabocla, que aparece como pertencente ao núcleo de descendência, a partir do qual constituem os elementos centrais do processo que vincula os quilombolas à terra, nas representações coletivas.

[...] Agostinha era mulher forte e dedicada na luta da comunidade. Sempre esteve ao lado de Antônio Adrelino (Totô) e Luiz Simão, viajando muitas vezes ao Recife, até Brasília para defender os direitos da comunidade. Era solteira e nunca teve filhos. Muito respeitada por todos(as), muito religiosa, sempre procurava dar conselhos aos mais jovens dizendo o melhor caminho a seguir, pois muitas coisas de ruim que poderia ter acontecido na comunidade, graças aos seus conselhos foram evitados<sup>13</sup>.

[...] Agostinha Cabocla mulher corajosa e cheia de estratégias que lutou incansavelmente contra a invasão de nossas terras, inclusive para defender o documento (registro) de nossas terras, que devido ao seu grande valor era bastante perseguido pelos fazendeiros. Uma estratégia usada por ela para esconder o documento era colocá-los em cabaças e entregar a uma pessoa de sua confiança, porque ela sabia que se os invasores pegassem-no podia falsificá-lo ou até mesmo destruí-lo<sup>14</sup>.

O papel da mulher é assegurado na descendência. É "nelas que tudo começa": a fundação da comunidade (incluindo a compra da terra), a origem do nome, a defesa do território frente às "invasões" das quais resultaram expropriações; elas também estão presentes na execução e perpetuação de determinadas práticas ou atividades culturais como os ofícios de benzedeira e parteira e na produção de trabalhos artesanais. As mulheres que se dedicam a essas atividades dizem ter aprendido com suas mães ou avós.

Reportando-me ao passado, através das representações reproduzidas pelos narradores da história de Conceição, alusivas a mulheres que exerceram liderança naquela comunidade (principalmente das seis crioulas), faço também uma imagem de como seriam essas mulheres: percebo-as como mulheres fortes, determinadas e lutadoras. Mulheres que não estavam muito apegadas aos ideais da sociedade de sua época, a qual reservava à mulher apenas o direito à vida do lar, ao casamento e aos filhos como fruto dessa união. No entanto, o Senhor Antônio Andrelino Mendes, lembrando o que ouvira falar sobre as primeiras famílias que chegaram a Conceição das Crioulas, fala de uma mulher para quem os valores morais e padrões sociais do passado não tinham muita importância: *era Chica Ferreira, foi uma das primeiras a chegar aqui, ela veio grávida de Ana Ferreira, o pai ninguém sabe quem é. Ana Ferreira depois se casou com Chico Gomes*<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> Jornal Crioulas: a voz da resistência. Ano 3, nº 8- agosto de 2005, pág 7

<sup>14</sup> Jornal Crioulas: a voz da resistência. Ano 2, nº 6- dezembro de 2005, pág 7

<sup>15</sup> Depoimento do Senhor Antônio Andrelino Mendes, prestado ao Projeto Comunidades Quilombolas, da UFPE/FACEPE - 1997.

Observem-se, neste trecho, dois pontos significativos nessa perspectiva de análise em que se chama a atenção para o lugar de algumas mulheres na história de Conceição: em primeiro lugar, o nome do pai "ninguém sabe" e, em segundo lugar, a prevalência do sobrenome materno (de Ana), mesmo se tratando de uma mulher que se casou.

Sobre Romana, outra mulher apontada como pioneira na povoação de Conceição das Crioulas, o Senhor Antônio Andreino Mendes fez a seguinte afirmação: *Romana se deitou com branco e com índio e teve filho em tudo quanto é lugar.*

Dona Isaura, que se identifica como “caboca”, mas também se reconhece como tendo uma ancestralidade negra, ao contar sua história, revela questões muito significativas: primeiro que ser negra em Conceição das Crioulas significa também estar aberta para assumir outras identidades, devido a proximidade com as aldeias indígenas da região; segundo que suas ancestrais indígenas (o caso de sua avó) foram vítimas de agressão e submissão do machismo predominante no passado. No entanto, assim como Romana e Chica Ferreira, dona Isaura também desafiou os padrões sociais tornando-se mãe solteira e depois unindo-se a um homem sem o casamento, uma instituição muito valorizada até bem pouco tempo no sertão nordestino; também revela-se uma pessoa que, na juventude, divertia-se e era feliz.

[...] Eu nasci no dia 11 de agosto de 1917, faça a conta. Nunca fui casada, tive um fio de um homem ele era da família Carvalho e depois me juntei com outros. Tive muito fio mas Deus tirou, ficou só quatro, minha fia que é dona dessa casa, que o marido deixou e eu vivo com ela, outro que mora em Serra Talhada e outros que foram embora pra São Paulo e nunca mais tive notícia [chora ao lembrar dos filhos]. Conceição das Crioulas tem esse nome porque era das crioulas, por que tinha era índio, aqui era dos índios. Eu sou fia, que minha vó era caboca, caboca braba foi pegada a dente de cachorro que ela dichí [disse] assim, ó meus fios eu só casei com seu pai porque me botaram os cachorro, mas se não fosse eu não tinha casado, minha mãe nem era daqui... Minha mãe era caboca do cabelo escorrido que fazia gosto... Eu trabalhava na roça, a vida nossa era na roça, fazia saco, fazia esteira, fazia tudo... Antigamente era 9 noite de novena e nós dançava a noite todinha [risos], tinha o baile dos negros e bailes dos brancos, mas eu dançava no que tivesse mió [melhor] naquele que tinha pessoas.... [risos deixando entender que eram pessoas que lhe interessavam]<sup>16</sup>

Esses fatos não indicam, no entanto, que essas mulheres desafiadoras de padrões sociais do seu tempo, e guerreiras na defesa de seu território tivessem implícita na sua luta qualquer ideologia feminista ou coisa do gênero. A análise que faço, a partir das representações dos informantes, sobre as mulheres que lideraram no passado, é que estas

---

<sup>16</sup> Depoimento citado por Maria Aparecida de Oliveira Souza. In: SOUZA, Maria Aparecida Oliveira. AS MULHERES, A COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO E SUAS LUTAS: as histórias escritas no feminino-Dissertação de mestrado. Brasília, UNB: 2007(mimeo).

defendiam os direitos de um grupo que tinha o seu território ameaçado por "pessoas vindas de fora", não se constituindo, naquele momento nenhum movimento feminista, com os significados impressos, por exemplo, às experiências de movimentos de mulheres, na sociedade brasileira dos últimos vinte anos.

No final da década de 1980, os ideais defendidos pelo movimento negro em geral, começaram a penetrar na comunidade e a provocar transformações na forma de ver o mundo ou no pensamento de negras e negros em Conceição das Crioulas. Nesse momento, aqueles que tradicionalmente já lutavam pela recuperação da terra das crioulas, suas antepassadas, alegando ser um direito de herança seu, passaram a entender que de qualquer forma, a terra lhes pertencia, pois eram descendentes daquelas crioulas que provavelmente eram escravas fugitivas, o que lhes abria a possibilidade de serem classificados como comunidade quilombola, e como tal, o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal lhes assegurava o direito à posse da terra.

A comunidade começou a passar por intensas inquietações que vieram provocar grandes transformações no modo de pensar daquela gente. Assim, começou-se a se estruturar uma nova luta em defesa da propriedade da terra. Uma luta que passou a contemplar a valorização do "ser negro", em um contexto, até então, extremamente adverso e, muitas vezes hostil, a essa condição; iniciava-se, assim, a construção de uma identidade negra, processo em meio ao qual surgia também a necessidade de se estabelecer a quem seria, ou não, conferida a identidade de quilombola. Desse modo, fatos antes negados, como a descendência de negros escravos, passaram a ser valorizados por aqueles que, dentro de um processo de conscientização, aos poucos, iam se identificando como quilombolas, dando, assim, legitimidade ao movimento.

Esse movimento foi se espalhando, gradativamente, pela vila e pelos vários "sítios" que, no conjunto formam como afirmei inicialmente, aquilo que se conhece como área quilombola de Conceição das Crioulas. Foi construindo-se, ali, a comunidade e se distinguindo como grupo étnico. Negras e negros, na maioria jovens, começaram a participar das discussões, a mudar seu pensamento e, como eles mesmos afirmam, a "aceitar melhor sua negritude".

Esse momento de "aceitação" se impõe a um longo passado de "negação", segundo os quilombolas motivada pela discriminação sofrida pela comunidade:

Durante muito tempo, o povo da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas foi discriminado e boa parte manipulado pelos ditos "poderosos", os

brancos. Foram mais de dois séculos de dominação e negação da história de um povo que resistiu a diversas formas de violência e agressão.

Desde de muito cedo fomos ensinados a negar a nossa cor e nos aceitar como “moreninhos”, escondendo nossas raízes ancestrais. Tudo isso porque ser negro era feio, era sinônimo de escravidão. E quem quer ser feio? Escravo<sup>17</sup>? [.....]

Obviamente, desses encontros poderiam surgir lideranças tanto masculinas como femininas. Mas, “por coincidência”, ou para não fugir à tradição, o comando dessa nova luta – pelo menos a princípio- foi delegado a uma mulher, a professora Givânia Maria da Silva. Nesse movimento a participação dos homens é bastante significativa. Pode-se citar, por exemplo, Andreilino Mendes, João Alfredo, Antônio Mendes, como os mais atuantes; portanto, não são omissos. Entretanto, Givânia é sempre lembrada não só como iniciadora do movimento quilombola, mas por sua trajetória de vida e participação na política:

Givânia foi a primeira mulher de Conceição das Crioulas a ter curso superior e envolver-se diretamente na política partidária. Por indicação das lideranças da comunidade, foi candidata a vereadora, sendo eleita duas vezes consecutivas. Ela também é integrante da CONAQ ( Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas). Através de sua atuação , tem conseguido divulgar a causa quilombola em todo país , bem como sensibilizar os governos ( municipal, estadual e federal) e ONG´s de todo Brasil a investirem da comunidade<sup>18</sup>.

Conforme afirmei anteriormente, Givânia está morando em Brasília mas a luta política na comunidade de Conceição das Crioulas conta com a atuação de outras lideranças masculinas e femininas; entre as últimas se destacam: Aparecida Mendes, Márcia Jucilene, Maria Diva e outras. Na impossibilidade de analisar aqui o perfil pessoal e político de todas essas mulheres, refiro-me apenas à primeira – Aparecida Mendes-, que ocupa o mais importante cargo político da comunidade: a coordenação da AQCC. O quilombola Raimundo Antônio da Silva reconhece o poder político das mulheres e identifica em Aparecida Mendes certa hegemonia em relação às outras: *Nas reuniões as mulheres sempre estão na frente. Basta dizer que tem uma mulher em Conceição, como Lia (Aparecida Mendes), por exemplo, que pra falar com ela é a coisa mais difícil do mundo, porque ela vive viajando. Eu considero isso importante, porque se as mulheres não fizessem isso o movimento ia abaixo, porque os homens não se envolvem muito.*

Para esse quilombola, a participação das mulheres quilombolas nas atividades políticas é bem superior à dos homens, nos sindicatos rurais hoje atinge cerca de 70% das filiações. Esta situação parece não incomodar o agricultor, que também reconhece a fragilidade da participação masculina no movimento quilombola.

<sup>17</sup> Jornal Crioulas: a voz da resistência. Ano 1, nº 3 novembro de 2003, p. 8.

<sup>18</sup> Jornal Crioulas: a voz da resistência. Ano 3, nº 8- agosto de 2005, pág 7

A história de luta de Aparecida, ao que me parece, faz parte de uma tradição familiar. Seu discurso revela não só o carinho que tem pela sua avó Firmiana, conhecida por Ana Belo, de 85 anos, como também a influência que recebeu dela:

[...] Ana Belo é minha vó, a minha vizinha querida e ela é uma pessoa insistente nas coisas que faz, é uma pessoa assim, com quem me inspiro para lutar, geralmente quando estamos quase fraquejando é uma das pessoas que a gente procura pra conversar e pra se fortalecer e, apesar dela ter 85 anos e saber que a luta não é fácil, ela nunca desestimula, ela tá sempre nos incentivando a ir à frente apesar das dificuldades.

Aparecida, portanto, valoriza a importância do debate político e critica a forma como as comunidades quilombolas estão sendo tratadas pelo governo, a partir de ações vindas “de fora para dentro”, dentro de um processo que ela denomina de “nova política de reconhecimento”.

[...] é uma nova política que tá acontecendo com os grupos, que é uma inquietação. Que, ao invés das comunidades estarem se autoreconhecendo, o governo chega lá e reconhece sem discussão e já chega com o chamado benefício, mas a gente imagina que por trás desse benefício tem um interesse, a comunidade tava um pouco inquieta com essa questão, porque o reconhecimento não partiu da própria comunidade e sim do governo<sup>19</sup>.

Analisado de forma superficial esse discurso parece contraditório, pois é na luta por reconhecimento e defesa dos direitos que o movimento se constrói politicamente. Entretanto,

A nova “política de reconhecimento” é na verdade um grande problema para a comunidade de Conceição das Crioulas que durante séculos viveu naquele território preservando seus laços de parentesco, suas relações familiares, seus valores e suas singularidades, provavelmente por conta de sua pouca visibilidade. No momento em que há uma exigência de se tornar mais visível, de se mostrar mais para ser reconhecida como “remanescente de quilombos”, de enquadrar-se sobre tal identidade, é compreensível a inquietação provocada por essa política de reconhecimento. Atender a exigência de uma nova ordem torna-se uma necessidade, pois só assim será possível ter acesso aos benefícios oferecidos pelo governo. Dizer que a nova política gerou inquietação chega até ser uma análise condescendente, pois, na verdade, na verdade, isso é uma grande violência praticada contra a comunidade quando esta é forçada a se ver e ser vista sob uma identidade única para conseguir os poucos benefícios que o Estado oferece. Talvez por isso ocorra na comunidade o ecoar de vozes se auto-denominando sob as mais variadas “marcas”; são as marcas simbólicas encontradas para definir o sentido de pertença que são interpeladas nesse momento de impasse (Souza, 2007: 74).

A participação diferenciada de algumas pessoas – principalmente de mulheres como Givânia e Aparecida – no processo de organização política pode ser compreendida com maior clareza associando-se, por exemplo, histórias e biografias. Refiro-me, a princípio, a Givânia que, não por acaso, se tornou uma liderança. Conforme referência anterior nasceu

---

<sup>19</sup> Depoimento citado por Maria Aparecida de Oliveira Souza. In: SOUZA, Maria Aparecida Oliveira. AS MULHERES, A COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO E SUAS LUTAS: as histórias escritas no feminino-Dissertação de mestrado. Brasília, UNB: 2007(mimeo).

em Conceição, viveu ali sua infância e adolescência, transferindo-se posteriormente para a cidade de Salgueiro, deu continuidade aos seus estudos. Formou-se em Letras, em 1994, e, na sua trajetória de vida, nesse outro contexto, engajou-se em movimentos e organizações como: inserção em atividades sindicais, militância política no Partido dos Trabalhadores (PT), atuação no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e no Movimento Negro Unificado, ocupando hoje cargos importantes no Governo Federal. Tudo isso, sem se desligar de Conceição das Crioulas, e semeando ali, os ideais defendidos por esses movimentos.

Essa liderança de Givânia pode ser analisada de diversas maneiras: a sua capacidade de comunicação que lhe revela como "liderança nata", a sua formação educacional (primeira pessoa da comunidade a ingressar num curso superior) e a sua inserção nos movimentos já mencionados que lhe dão subsídios para discutir os problemas sociais brasileiros, também vividos pela comunidade de Conceição das Crioulas.

Desse modo, a atuação de Givânia, bem como de outros membros da comunidade foi fundamental para o despertar desse movimento social de luta pela terra, pelos direitos e valores étnicos e culturais em Conceição das Crioulas. E é dentro dessa luta que se efetiva a liderança de Givânia e de outras mulheres, reafirmando, assim, uma tradição de mais de duzentos anos: "O poder da mulher negra em Conceição das Crioulas."

Não ainda com a mesma visibilidade de Givânia, Aparecida Mendes também vem se revelando uma liderança excepcional. Na qualidade de coordenadora da AQQC, ela é no momento a mulher com maior poder político em Conceição das Crioulas. Praticamente analfabeta até a idade adulta, a exemplo de outras brasileiras, Aparecida retornou a escola depois de casada e com filhos já crescidos. Hoje é estudante do Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central de Pernambuco – FACHUSC, em Salgueiro, onde não desperdiça uma oportunidade de abrir um debate acerca da questão quilombola. Ali ela encontra muitos interlocutores, uns contra outros a favor, mas o que importa para ela é o caráter político da discussão.

Esse perfil político de Aparecida já trouxe muitos dividendos políticos para Conceição das Crioulas, pois boa parte dos direitos conquistados por essa comunidade veio graças aos seus esforços. Mas, também, já lhe rendeu muitos conflitos e ameaças, não só para ela, mas também para sua família e outros quilombolas, principalmente quando se trata da luta pela terra. Conforme trecho da notícia a seguir, que veiculou nos principais jornais de Pernambuco e na internet:

No dia 04 de dezembro de 2004, Sr. Simão Gonçalves dos Santos (Simão David) esteve na residência da Coordenadora Executiva da AQCC, Sra. Maria Aparecida Mendes Silva, a procura do Sr. João Francisco Mendes, pai de Maria Aparecida. Como não o encontrou, falou em tom agressivo para a Coordenadora Executiva da AQCC e para o Sr. Andreino Antonio Mendes, também liderança da comunidade que: se tiver parte do terreno dele demarcado dentro da área, as lideranças não continuariam vivas para trabalhar na terra.

As ameaças foram formalizadas junto a Polícia Federal de Salgueiro no dia 07 de dezembro, em nome da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, e na Polícia Civil no dia 15 de dezembro.

As ameaças continuaram na madrugada do dia 11/12/2004 para o dia 12/12/2004, por volta de 00:40h, quando a sede da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas foi queimada. Sabe-se que dentre os alvos, Maria Aparecida Mendes Silva e Givânia Maria da Silva são as primeiras da lista. No entanto, hoje já somam mais de 15 pessoas que correm risco de vida<sup>20</sup>.

Os fatos relatados na notícia indicam o grau de tensão estabelecido entre, de um lado, quilombolas que defendem o acesso à terra como um direito quilombola e, de outro, fazendeiros que não reconhecem a legitimidade desse direito nem estão dispostos a abrir mão pacificamente de suas propriedades. E, nesse embate, as mulheres, como são politicamente ativas não são poupadas.

## Conclusão

Neste trabalho, procurei analisar a história da população negra de Conceição das Crioulas, dando ênfase às ações políticas das mulheres na luta pela posse das terras que ocupam e pela construção de uma identidade étnica e cultural.

Contam os mais velhos que Conceição das Crioulas foi fundada no "tempo dos reis". Para os mais jovens, principalmente os envolvidos na atual luta pela posse da terra, esse "tempo dos reis" corresponde ao final do século XVIII.

A construção de representações desse período, por parte da comunidade, tem como marco referencial a suposta existência de um documento datado de 1802, mencionado insistentemente pelos "antigos", que diziam os já falecidos e dizem outros, hoje, tratar-se da escritura das terras compradas pelas seis crioulas "no tempo dos reis". Ainda de acordo com essa tradição oral, as crioulas teriam pago essa compra com o seu próprio trabalho, isto é, fiando algodão para vender: *Pagaro a terra fiano; fiano e indo vender em Flores, caminhando*

---

<sup>20</sup> Disponível em:

<http://www.cedefes.org.br/new/index.php?conteudo=materias/index&secao=3&tema=31&materia=2267>.  
Acessado em 11/09/09.

*de a pé até chegar lá (...) elas pagaro essa terra depois de paga o rei mandou escriturar; isso foi em 1802; quem fez a escritura foi Pedro José Delgado, escrivão da Torre<sup>21</sup>.*

Ainda de acordo com a memória oral, faz parte da história de Conceição das Crioulas a luta tradicional da mulher pela posse da terra e em defesa do povo negro. A partir do que contam os “quilombolas”, podemos dizer que a atuação feminina aparece notadamente nos seguintes momentos: "no tempo dos reis", quando as seis crioulas lutaram para comprar a terra; num segundo momento, que vai da década de 1950 até o final dos anos 1980, marcado pela luta de Agostinha Caboclo para recuperar para si e para os seus "parentes" as terras que lhes haviam tomado os "fazendeiros brancos"; num terceiro momento, através do movimento em curso, iniciado no final da década de 1980, em que aparece as figuras de Givânia Maria da Silva, Aparecida Mendes e outras como as principais articuladoras da luta pelo reconhecimento da comunidade como quilombola.

Neste trabalho, no entanto, analiso, de forma específica, o último momento da história de Conceição das Crioulas, encontrando ali toda uma gama de elementos que evidencia a complexidade desse movimento. Nesse sentido, enfatizo a organização dos negros quilombolas na luta pela posse da terra; associada a ela, a construção de uma história de Conceição, contada a partir da memória oral – narrativas dos "antigos" – da qual os habitantes se apropriam para reforçar a sua condição de “quilombola”. Assim, por esse caminho, ocorre, simultaneamente, a construção de uma identidade étnica do grupo, através da conscientização/ auto-conscientização da aceitação de sua negritude, da apropriação de elementos significativos da cultura afro-brasileira como: vestimentas, adornos, danças, cânticos e religião; demarcação das fronteiras territoriais e sociais entre este e os demais grupos étnicos.

A todo esse movimento, acrescentam-se, ainda, os conflitos gerados entre os "negros" e os "brancos" e, ao que me parece em menores proporções, envolvendo também "índios", na disputa pela terra; além da dificuldade de se estabelecerem fronteiras bem precisas entre esses grupos.

## Referências bibliográficas

1. BARTH, Fredrik. In: Poutignat, Philippe. Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
2. BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

---

<sup>21</sup> Depoimento de Antônio Andrelino Mendes, em entrevista feita pelo jornalista Adécio Vasconcelos para o Programa "Campo Livre", TV local.

3. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertando Brasil, 2.000.
4. CALMON, Pedro. História da Casa da Torre. IN: ANDRADE, Fábio Bezerra e SILVA JÚNIOR, José Alfredo. Comunidades Remanescentes de Quilombos no Interior de Pernambuco. Recife: UFPE, 1997.
5. ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1991.
6. \_\_\_\_\_. Mito do eterno retorno. São Paulo: Mercuryo, 1992.
7. FUNES, Eurípedes Antônio. "Nasci nas matas, nunca tive senhor": história e memória dos Mocambos do Baixo Amazonas. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1995 (mimeo).
8. GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. TERRA DE PRETOS, TERRA DE MULHERES: terra, mulher e raça num bairro rural negro. Ministério da Cultura/FCP, 1995.
9. LEITE, Maria Jorge dos Santos. CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: terra, mulher e identidade étnica no sertão de Pernambuco. Dissertação de mestrado. Fortaleza: UFC, 2001(mimeo).
10. MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.
11. MEDEIROS, Bartolomeu Figueirôa e ALBUQUERQUE, Mabel Ann Black de (organizadores). Comunidades remanescentes de quilombos no interior de Pernambuco. Recife: UFPE, 1997.
12. MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA Fabíola. História Oral: como fazer como pensar. São Paulo:, 2007
13. O'DWYER, Eliane Cantarino (org). Terra de quilombos. ABA. Impressão DECANIA CFCH/UFRJ, 1995.
14. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976.
15. POUTIGNAT, Philippe. Teorias da Etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth e outros. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
16. REIS, Elisa (org). Política e cultura: visões do passado e perspectivas contemporâneas. São Paulo: Hucitec, 1996.
17. REIS, João José e Gomes, Flávio dos Santos (organizadores). Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
18. SALES, Celecina de Maria Veras e outras. Feminismo: memória e história. Fortaleza: Edições UFC, 2.000.
19. SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. In: Gender and politics of History. Nova Iorque: Columbia University Press, 1991.
20. SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva (antropóloga responsável). Projeto mapeamento e identificação das áreas remanescentes de quilombos (Conceição das Crioulas). Recife: FCP/UFAL,1998.
21. SOUZA, Maria Aparecida Oliveira. AS MULHERES, A COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO E SUAS LUTAS: as histórias escritas no feminino- Dissertação de mestrado. Brasília, UNB: 2007 (mimeo).
22. WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn, 3ª edição, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994.